

REVISTA SEM ASPAS

v.7, n.2, jul./dez., 2018

Ana Lúcia de CASTRO¹

A publicação do dossiê intitulado **Temas em antropologia contemporânea** contribui para fomentar o debate relativo à dinâmica cultural contemporânea e aos desafios teórico-metodológicos pertinentes à sua abordagem. Boa parte dos textos foi escolhida dentre os melhores ensaios finais apresentados à disciplina homônima, ministrada no segundo semestre de 2018 na Faculdade de Ciências e Letras (UNESP, campus de Araraquara, São Paulo, Brasil).

Os textos que compõem este dossiê apresentam temáticas relativas à cotidianidade contemporânea (rap, consumo, conflitos de gênero, violência e direitos humanos) e todos se fundamentam no debate contemporâneo da antropologia, marcado pela inflexão teórico-metodológica provocada pelos antropólogos americanos Clifford Geertz e Marshall Sahlins. Essa inflexão consiste em um desdobramento do movimento que ficou conhecido como *virada linguística*, o qual coloca um novo entendimento para a linguagem, provocando uma revisão da concepção de signo.

Sahlins formula a noção de esquemas culturais como constituídos sobre distinções de princípios entre signos, os quais têm seus sentidos e valores arbitrariamente definidos, ou seja, os sentidos e valores atribuídos aos signos nunca são os únicos possíveis. O signo, portanto, tem seu valor conceitual fixado no contraste com outros signos no esquema cultural. Sendo a cultura constituída por sistemas simbólicos e sendo a natureza do signo arbitrária e relacional, a cultura é, portanto, um objeto histórico. Da maneira como o signo for posto em ação, ele estará sujeito a outro tipo de determinação: os processos de consciência, que são acionados nesse diálogo simbólico entre categorias recebidas e os contextos percebidos, entre o sentido cultural e a referência prática.

Desta maneira, Sahlins coloca em questão uma série inteira de oposições calcificadas, pelas quais habitualmente compreendemos ambas, a história e a ordem cultural: estrutura e história, estabilidade e mudança, passado e presente, sistema e evento, infraestrutura e

¹ Universidade Estadual Paulista (UNESP), Araraquara – SP – Brasil. Docente do Departamento de Antropologia, Política e Filosofia. ORCID: <<https://orcid.org/0000-0002-61657722>>. E-mail: castroanalucia75@gmail.com

superestrutura. Nas palavras do autor: “O que está em questão é a existência de estrutura na história e enquanto história” (SAHLINS, 1997, p.181).

As reflexões de Sahlins intencionam contribuir para uma teoria da história que considere uma concepção não excludente da relação estabilidade e mudança, estrutura e história, ou estrutura e evento. Neste sentido, ele propõe um modo de operar o pensamento que não oponha continuidades e permanências, pois *a transformação de uma cultura também é um modo de sua reprodução* (SAHLINS, 1997, p. 174). Os significados culturais são assim alterados e em decorrência, se as relações entre as categorias mudam, portanto, a estrutura é transformada.

Clifford Geertz define a antropologia não como uma ciência à procura de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura de significados, enfatizando a importância de situar-se no contexto etnográfico e o reconhecimento de que o texto etnográfico resulta de uma, entre tantas outras, interpretação possível.

A etnografia é definida por Geertz não como técnicas ou procedimentos, mas como um tipo de esforço intelectual que busca uma *descrição densa*, expressão emprestada do filósofo linguista Gilbert Ryle (1900-1976), seguidor de Wittgenstein. O antropólogo, nesta perspectiva, é uma espécie de decifrador de códigos e a situação de campo impõe que se lide com vários “idiomas”, sendo que o objeto da etnografia consiste numa hierarquia estratificada de estruturas significantes.

O debate, decorrente da virada linguística - que pressupõe a cultura como sistemas simbólicos e, portanto, em constante processo de (re)constituição - norteia, ainda que em medidas diferentes, todos os textos que compõem este dossiê. O texto de abertura, intitulado **A virada antropológica: o retorno do sujeito e da história**, de autoria de Letícia Chamma, situa este debate teórico-metodológico, a partir da virada linguística, enfatizando a discussão sobre a contraposição entre história e estrutura - que encontra importante referência no pensamento de Lévi-Strauss e se desdobra nas reflexões de M. Sahlins - bem como o papel do autor no texto etnográfico, desencadeada a partir das proposições da antropologia hermenêutica, representada por C. Geertz e aprofundada na vertente pós-moderna.

Direitos humanos e cultura: a fragilidade do discurso universalista no contexto francês, de autoria de Giovanna Lopes Souza, nos convida a refletir sobre a viabilidade dos princípios que sustentam o discurso universalista, sobretudo frente a conflitos culturais em contextos nos quais a correlação de forças é assimétrica. A autora conduz esse debate à luz dos conflitos culturais ocasionados pela discriminação de bens - mobilizada pela legislação francesa em relação ao islamismo, ao sancionar a Lei 1192/2010 - especificamente, restringindo o uso do véu integral pelas mulheres muçulmanas nos espaços públicos franceses.

O artigo de Vinícius Seravo - intitulado **Muito além de um simples rolex: a legitimidade dentro da alta relojoaria e sua expressão máxima de valor entre as elites paulistanas** - propõe uma reflexão sobre a maneira como o relógio de luxo, inserido no sistema simbólico hierarquizante que marca a cultura contemporânea - é instrumentalizado como estratégia de distinção social pelas elites de São Paulo, ao se posicionarem como consumidoras e apreciadoras deste bem. O autor demonstra como esse objeto transforma-se num ícone expressivo do gosto burguês, bem como do conservadorismo característico do *ethos* constitutivo das classes abastadas da cidade de São Paulo.

O artigo **Rap e suas formas de consumo: uma análise das implicações sociais e mentais no indivíduo**, de André Giglio, busca analisar a difusão do rap enquanto um estilo musical que extrapola o seu local de origem e tem seu consumo atravessando as classes sociais, penetrando, inclusive, nas classes média-altas. Discute como esse fenômeno causa impacto nos processos de construções de identidade de moradores da periferia, sobretudo nos negros e jovens.

Em **O racismo como uma “identidade social virtual”**, Vanessa Oliveira propõe uma análise sobre o modo como as teorias racialistas, desenvolvidas durante a segunda metade do século XIX, colaboraram para a estigmatização corporal, moral e tribal das pessoas negras. O conceito de estigma do sociólogo norte americano *Erving Goffman* mostra-se extremamente pertinente para compreensão da forma como a estética negra (boca, a cor da pele e o tipo de cabelo) abrange as três dimensões de estigma (corporal, moral e tribal) no imaginário da sociedade brasileira, contribuindo para a construção daquilo que o autor chamou de *identidade social virtual em contraposição a identidade social real*.

No texto **Linchamento: a punição como restituição da ordem**, a partir de um caso de linchamento ocorrido no país e reportado pela imprensa, Flávio E. de Andrade propõe uma reflexão acerca da prática do linchamento enquanto comportamento coletivo presente na sociedade brasileira. O autor enfatiza a dimensão simbólica do linchamento, buscando as raízes histórico-culturais que sustentam aspectos de nossa cosmologia, propiciando o cultivo da violência como forma natural de resolução de conflitos.

Por fim, o artigo de Jonathan Lambert Silva, intitulado **A etnomusicologia sob um olhar contemporâneo**, situa o debate antropológico acerca do desenvolvimento da etnomusicologia no contexto de mundialização da cultura, marcado pelo embate entre referências globalizantes e cultura local.

Esperamos que a leitura dos textos aqui reunidos instigue novas reflexões, sobretudo no âmbito da graduação, acerca da dinâmica cultural contemporânea, fortemente marcada pela

cultura do consumo e pelo fluxo global de imagens, referências de estilos e repertórios simbólicos.

BOA LEITURA!

REFERÊNCIAS:

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações Filosóficas**. São Paulo: Nova Cultural, 1980.

SAHLINS, Marshall. **Ilhas de História**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Editora LTC, 1989.